

Dados geolinguísticos diacrônicos e sincrônicos do campo semântico do corpo humano

Vanderci Aguilera

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

AGUILERA, V. Dados geolinguísticos diacrônicos e sincrônicos do campo semântico do corpo humano. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 519-532. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



Dados geolinguísticos diacrônicos e sincrônicos do campo semântico do corpo humano

Vanderci AGUILERA
Universidade Estadual de Londrina/CNPq

Apresentação

Os atlas linguísticos estaduais publicados ou concluídos entre os anos de 1963 (APFB - *Atlas prévio dos falares baianos*) e 2008 (ALMS - *Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul*) incluíram sistematicamente nos respectivos instrumentos de coleta de dados uma série de questões voltadas para o campo semântico do Corpo humano, privilegiando tanto as partes do corpo propriamente ditas, como as doenças, sintomas de doenças, má-formações, deficiências, secreções, roupas e acessórios, entre outros, relacionados a cada uma delas. Assim é que, entre outros, o APFB e o ALS trazem 42 cartas, o ALS II apresenta 47, o ALPR, 14 e o ALPR II, 24 cartas sobre este campo. O ALiB, por sua vez, incluiu trinta e duas perguntas específicas sobre as partes do Corpo humano, que vão das Questões 89 a 120 do Questionário Semântico Lexical – QSL. Por questões metodológicas vigentes à época, os atlas estaduais publicados ou concluídos sob a forma de dissertações ou teses, em sua grande maioria, optaram por investigar falantes rurais em cada um dos pontos definidos para a coleta de dados, ao contrário do ALiB, que optou por falantes urbanos. Assim, o projeto ALiB busca um atlas predominantemente urbano, como proposta de atlas de 3ª geração, por contemplar aspectos não apenas diatópicos, mas também diastráticos. Este artigo tem, pois, como objetivo verificar, no campo semântico do Corpo Humano, a manutenção ou perda de variantes léxicas, consideradas nas perspectivas (i) **diatópica**, isto é, a variação lexical que ocorre entre um estado e outro, em dois *corpora* distintos: o *corpus* dos atlas estaduais, e o do ALiB, nos estados correspondentes aos atlas estaduais; (ii) **diacrônica**, isto é, no espaço de tempo que medeia cada atlas estadual em estudo e o registro dos dados para o ALiB em três estados (Sergipe, Bahia e Paraná) e respectivas capitais; (iii) **distrática**, na observação de fatores que possam definir

a vitalidade das formas ou seu enfraquecimento, quando analisadas sob variáveis sociais, como sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e a oposição rural x urbano; e (iv) **léxico-semântica**, na busca da lexicalização de cada uma das variantes e seu *status* como forma neológica, arcaica, regional, brasileira, entre outros. Para isso, foi necessário fazer um recorte para compor o *corpus* desta pesquisa, selecionando três conceitos intercomparáveis: *secreção nasal ressequida*, *dentes terceiros molares* e *patela*. Os atlas estaduais que apresentam em comum essas cartas são: o APFB,¹ cartas 55 (dente do siso) e 62 (rótula do joelho); ALSE, cartas 55 (dente do siso) e 63 (rótula do joelho); ALSE II, carta 15 (*secreção nasal ressequida*); ALPR, cartas 66 (dente do siso) e 75 (rótula), e ALPR II, carta 257 (*secreção nasal ressequida*).

1 Análise e discussão dos dados referentes à *secreção nasal ressequida* sob as perspectivas diatópica, diacrônica, diastrática e lexicológica

1.1 Nomes para *secreção nasal ressequida* - perspectiva diatópica

O Brasil conta hoje com dez atlas estaduais e um regional publicados ou concluídos: *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB: ROSSI, 1963), *Esboço de um atlas de Minas Gerais* (EALMG: RIBEIRO et alii, 1977), *Atlas linguístico de Sergipe* (ALSE: FERREIRA et alii, 1987), *Atlas linguístico da Paraíba* (ALPB: MENEZES e ARAGÃO, 1984), *Atlas linguístico do Paraná* (ALPR: AGUILERA, 1994), *Atlas linguístico sonoro do Pará* (ALISPA: RAZKY, 2004), *Atlas linguístico de Sergipe II* (ALSE II: CARDOSO, 2005), *Atlas linguístico do Paraná II* (ALPR II: ALTINO, 2005), *Atlas linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2005), *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS: OLIVEIRA (Org.), 2008) e o ALERS: *Atlas linguístico e etnográfico da Região Sul* (KOCH et alii, 2002).

Os dados para o APFB (ROSSI, 1963) foram coletados há mais de 45 anos junto a informantes rurais. Embora tenha investigado mais de 40 conceitos relativos ao corpo humano, não traz a carta correspondente a *secreção nasal ressequida*.² O mesmo ocorre com o *Esboço de um atlas de Minas Gerais*³ (EALMG: RIBEIRO, 1977), o *Atlas linguístico da Paraíba* (ALPB: MENEZES e ARAGÃO, 1984), o *Atlas linguístico de Sergipe* (ALSE: FERREIRA et alii, 1987), e o *Atlas linguístico do Paraná* (ALPR: AGUILERA, 1994). Os segundos volumes dos atlas de Sergipe (ALSE II: CARDOSO, 2005), e do Paraná, (ALPR II: ALTINO, 2005), oriundos de teses desenvolvidas com os dados coletados para o ALSE e para o ALPR, encarregaram-se dessa cartografia. Assim, procedemos à análise das variantes

1 Exceto a carta sobre a *secreção nasal enrijecida*.

2 Acreditamos que a questão faça parte do Questionário uma vez que o ALSE II, realizado com base na metodologia do APFB, embora não indique o n.º da pergunta, traz a Carta 15 com os dados correspondentes a esse conceito.

3 O EALMG (1977) traz as cartas correspondentes a apenas dois campos semânticos: fenômenos atmosféricos e brincadeiras infantis.

para *secreção nasal ressequida* registradas apenas no ALSE II e ALPR II e, para facilitar a visualização, apresentamos os quadros com os respectivos dados.

Quadro 1: Nomes mais produtivos para a *secreção nasal ressequida* no ALSE II – carta 15

Variantes	Ocorrências	% ⁴
Cacaraca	10	33%
Cataraca	9	29%
Caraça	5	17%
Careca	2	7%
Cacareca	2	7%
outras formas	2	7%
Total	30	100%

Fonte: Carta 15 do ALSE II (CARDOSO, 2005)

Como *hápx legómenon* ocorreram *quereca* e *catarata*.

Dentre as variantes sergipanas, *cataraca* e *caraca* estão dicionarizadas em Ferreira (2004) na acepção de secreção nasal ressequida; *catarata* consta com outros significados e as demais não estão lexicalizadas, mas podemos entendê-las como variantes fonéticas de *caraca*, oriundas de acréscimos de fonemas (prótese em *cacaraca*), mudanças de fonemas (dissimilação vocálica em *cacareca*, *careca* e *quereca* e consonantal em *catarata*). Dessa forma, podemos afirmar que o ALSE II não apresenta variantes lexicais, apenas fonéticas para esse referente.

Quadro 2: Nomes mais produtivos para *secreção nasal ressequida* no ALPR II – carta 257

Variantes	Ocorrências	%
Tatu	73	53%
Cera	15	10.9%
Sujeira	10	7.2%
Casca	8	5.8%
ranho seco	8	5.8%
Tutano	6	4.3%
Craca	5	3.6%
outras formas	13	9.4%
Total	138	100%

Fonte: Carta 257 do ALPR II (ALTINO, 2005)

Em *outras formas*, incluímos, com duas ocorrências, *cateto* e *narótia* e como *hápx legómenon*: *cacaca*, *catarro seco*, *ichica*, *tataraca*, *jararacaca*, *moco*, *picumi*, *retanho* e *careca*.

Dentre as variantes paranaenses registradas, a forma mais produtiva, *tatu*, não está dicionarizada em Ferreira (2004) com esta acepção, assim como *cera*, *sujeira*, *casca*, *tutano*, *craca*, *cateto* e *careca*. *Moco*, *picumi*, *retanho* parecem corresponder às formas *muco*, *picumã* e *retanha*, respectivamente, lexicalizadas com outros significados. As demais: *narótia* (italianismo), *ichica*, *tataraca*, *jararacaca* não constam dos dicionários consultados.

Os dados indicam que, com base nas variantes mais produtivas em um e outro atlas, não há convergência no uso das denominações populares para *secreção nasal ressequida* em Sergipe e no Paraná. Enquanto no primeiro predominam variantes fonéticas de duas formas lexicalizadas: *cacaraca* e *cataraca*, no segundo ocorrem variantes lexicais não dicionarizadas com esta acepção, mas com extensões de significado.

4 Os percentuais são todos aproximados.

1.2 nomes para *secreção nasal ressequida* nas cartas do ALiB – perspectiva diacrônica

Sabendo-se que os dados do ALSE foram coletados entre 1966 e 1967 e os do ALPR, entre 1987 e 1990, comparamos o elenco das variantes cartografadas nesses dois atlas com os dados levantados pelo ALiB, em ambos os estados, entre 2002 e 2006.

A rede de pontos de Sergipe no ALiB é composta pela capital e duas localidades do interior: Estância e Propriá; a do Paraná-ALiB compõe-se da capital e dezesseis pontos no interior: Nova Londrina, Terra Boa, Londrina, Tomazina, Piraí do Sul, Campo Mourão, Umuarama, São Miguel do Iguaçú, Imbituva, Cândido de Abreu, Guarapuava, Adrianópolis, Morretes, Lapa, Toledo e Barracão.

QUADRO 3: Nomes mais produtivos para a *secreção nasal ressequida* no ALiB-SE (Capital e interior - Estância e Propriá)

Variantes	Interior		Capital	
	ocorrências	%	ocorrências	%
Meleca	-	-	6	60%
Catarata/catará	2	50%	1	10%
Catareca/o	1	25%	1	10%
outras formas	1	25%	1	20%
Total	4	100%	10	100%

Fonte: Banco de dados ALiB

Em *outras formas*, incluímos, como *hápx legómenon*, *cacaraca* e *catota*.

Decorridos quarenta anos entre ambas as recolhas, ALSE e ALiB-SE, observamos que a variante inovadora *meleca* é hegemônica na capital, não tendo se difundido pelo interior, onde ainda prevalecem as variantes mais conservadoras *catarata/catará* e *catareca/o*, as quais, por sua vez, resistem na fala de alguns informantes da capital.

Embora a questão não tenha sido cartografada no APFB, apresentamos no Quadro IV as variantes registradas para o ALiB-BA em Salvador e em seis (Alagoinhas, Santo Amaro, Vitória da Conquista, Jeremoabo, Juazeiro e Jacobina) das vinte e uma localidades do interior baiano, junto a quatro informantes em cada uma delas.

Quadro 4: Nomes mais produtivos para *secreção nasal ressequida* no ALiB-BA (Capital e interior – 6 localidades)

Variantes	Interior		Capital	
	ocorrências	%	ocorrências	%
Meleca	12	47%	6	86%
Sujeira	3	11%	-	-
Catarro	5	19%	-	-
Catarata	5	19%	-	-
outras formas	1	4%	1	14%
Total	26	100%	7	100%

Fonte: Banco de dados ALiB

Em *outras formas*, incluímos, como *hápx legómenon*, *cataraca*, no interior, e *catota* na capital.

O Quadro 4 também indica a prevalência da forma inovadora *meleca* no interior e na capital baiana, e a inserção de formas polissêmicas de sentido mais genérico, como *sujeira* e *catarro*, tal qual ocorre em Sergipe, no Quadro 3. Além disso, pouco mais de 20% dos dados representam formas mais conservadoras, como *cataraca* e *catarata*.

O APFB serviu de base para a cartografia dos dados do ALSE, de tal sorte que este último traz em suas cartas a remissão à carta correspondente no APFB, buscando confirmar a assertiva de Nascentes (1953) sobre a inclusão de Sergipe na área do falar baiano.

Sobre os dados do Paraná, decorridos mais de quinze de anos entre ambas as coletas, as variantes para a secreção nasal ressequida não apresentam muita diferença em relação à quantidade de formas elencadas: são 18 variantes no ALPR e 14 nos dados do ALiB-Paraná. Apresentam, porém, significativa mudança do ponto de vista do polimorfismo registrado nos dados atuais. Por outro lado, comparando-se o elenco das variantes mais produtivas dos 3 atlas estaduais examinados, o Paraná apresenta um quadro mais estável tanto no interior como na capital, quando comparados com o acervo lexical da década de 80. O Quadro 5 ilustra mais claramente essa assertiva.

Quadro 5: Nomes mais produtivos para secreção nasal ressequida no ALiB-PR

Variantes	Interior		Capital	
	ocorrências	%	ocorrências	%
Tatu	41	53%	8	67%
Ranho	10	13%	1	9%
Meleca	6	8%	2	15%
Catarro	6	8%		-
outras formas	14	18%	1	9%
Total	77	100%	12	100%

Fonte: Banco de dados ALiB

Em *outras formas*, incluímos, no interior, com duas ocorrências, *cera*, *caca* e *sujeira* e como *hápax legómenon*, *cascão*, *casquinha*, *castanha*, *cateto*, *crota* (de crosta), *cocô*, *moco* (de *muco*) e *quereta*. De forma jocosa, o informante 5 da capital, referiu-se a *tarzã* (que fica pendurado).

Em ambos os *corpora*, ALPR e ALiB-PR, *tatu* é a forma mais produtiva tanto no interior como na capital. A variante inovadora *meleca* insere-se pouco a pouco no cenário linguístico paranaense, ao lado de outras formas polissêmicas – *ranho* e *catarro*. O mesmo se pode afirmar a respeito dos registros menos produtivos, sintetizados sob a nomenclatura *outras formas*, cujos significados, sistematicamente, podem ser atribuídos a outros referentes.

1.3 Nomes para a secreção nasal ressequida na perspectiva diastrática

Os dados para o ALiB-PR foram coletados, no interior, junto a quatro informantes com o nível de escolaridade fundamental: dois homens e duas mulheres, dois jovens e dois idosos e, na capital, foram incluídos mais quatro informantes de nível de escolaridade superior, igualmente estratificados pelas variáveis sexo e faixa etária. Computando-se

apenas as duas variantes *meleca* e *tatu*, juntas perfazem o total de 51 registros, dos quais 88% são para *tatu* e 12% para *meleca*. Desses, 47% da forma *tatu* foram registrados na fala masculina e 41% na fala feminina; quanto a *meleca*, está presente em 4% da fala masculina e 8% na feminina.

Considerando-se *meleca* como forma inovadora, verifica-se que é mais frequente entre as mulheres, os jovens e os de nível superior, ao passo que *tatu* é mais frequente entre os homens, os idosos e os de nível fundamental. Comparando-se as variáveis capital x interior, *tatu* é forma hegemônica nos dois contextos, com inserção discreta de *meleca* na fala da capital, dada, normalmente, como segunda resposta.

1.4 Nomes para a *secreção nasal ressequida* na perspectiva da lexicalização

Dentre as questões analisadas neste artigo, a *secreção nasal ressequida* apresenta o maior plimorfismo em ambos os *corpora*, pois o conjunto de variantes coletadas nos três estados totaliza 34 formas diferentes. Dentre elas, apenas quatro estão lexicalizadas com a acepção pertinente: *meleca*, *catota*, *caraca*, *cataraca*. Em Ferreira, cada uma delas consta como brasileirismo popular; *catota*, um brasileirismo popular do Nordeste; e *caraca*, forma sincopada de *cataraca*. Não constam de Ferreira *cacaca*, *cacaraca*, *cacareca*, *catará*, *catareca*, *catareco*, *crota*, *ichica*, *jaracacaca*, *moco*,⁵ *narótia*, *picumi*, *quereca*, *quereta*. As demais estão dicionarizadas com outras acepções e podem ser consideradas como extensão do significado, por conterem alguns semas comuns, como secreção, excremento, estado físico (ressequido, sujo, grudado, pendurado), localização (nariz, buraco), em: *sujeira*, *caca*, *craca*, *cocô*, *moco* (por *muco*), *tatu*, *picumi* (por *picumã*), *casca*, *casquinha*, *casção*, *castanha*, *ranho*, *catarro*.

2 Análise e discussão dos dados referentes aos *terceiros dentes molares* sob as perspectivas diatópica, diacrônica, diastrática e lexicológica

2.1 Nomes para os *terceiros dentes molares* nas cartas dos atlas estaduais - perspectiva diatópica

Consultando as cartas 55 do APFB e 55 do ALSE, verificamos que apresentam em todos os pontos uma única variante: *dente queiro*. O ALPR, por sua vez, registra duas variantes concorrentes e outras com menor produtividade, conforme demonstra o Quadro VI.

⁵ Monco, em Portugal, segundo Ferreira (2004).

Quadro 6: Nomes mais produtivos para os terceiros dentes molares no ALPR – carta 66.

Variantes	Ocorrências	%
Siso	70	55%
Juízo	40	32%
Leite	7	7%
Queiro	4	3%
outras formas	4	3%
Total	125	100%

Fonte: Carta 66 do ALPR (AGUILERA, 1994)

Como *outras formas*, ocorreram 2 registros de *colmilho* e 2 de *queixal*.

Na perspectiva diatópica, os atlas estaduais indicam uma divisão bem marcada: *queiro* nos dois estados nordestinos e *siso* e *juízo* no estado sulista.

2.2 Nomes mais produtivos para os terceiros dentes molares nos dados do ALiB – perspectiva diacrônica

Analisando os dados registrados nos três atlas estaduais e comparando-os aos dados coletados para o ALiB, verificamos que, no interior de Sergipe, não ocorreu mudança ou variação e no interior baiano, considerando seis das vinte e uma localidades da rede de pontos, a variação se apresenta tímida, com a predominância de *queiro*. Na capital sergipana, a forma conservadora, *queixal*, atribuída, normalmente, aos outros molares, começa a despontar ao lado da variante inovadora *siso*. Em Salvador, *queiro* ainda é hegemônica em relação às denominações de aplicação mais genérica. No Paraná, a variação se concentra basicamente nas duas formas concorrentes *siso* e *juízo*, reforçando a tendência delineada na década de 80. Os Quadros 7 e 8 ilustram nossa assertiva.

Quadro 7: Nomes mais produtivos para os terceiros dentes molares no ALiB-SE (Capital e interior - Estância e Propriá)

Variantes	Interior		Capital	
	Ocorrências	%	ocorrências	%
Queiro	8	100%	5	50%
Queixal	-	-	2	20%
Siso	-	-	2	20%
outra forma	-	-	1	10%
Total	8	100%	10	100%

Fonte: Banco de dados ALiB

A *outra forma*, como *hápax legómenon*, é *dente do juízo*.

Quadro 8: Nomes mais produtivos para os terceiros dentes molares no ALiB-BA (Capital e interior – 6 localidades)

Variantes	Interior		Capital	
	ocorrências	%	Ocorrências	%
Queiro	18	86%	4	86%
outras formas	3	14%	3	14%
Total	21	100%	7	100%

Fonte: Banco de dados ALiB

Outras formas ocorrem como *hápax legómenon*: *dente da raiz*, *do canto* e *siso*, na capital; e, no interior, *dente de trás*, *queixal* e *presa*.

Comparando os dados do ALPR, coletados na década de 80, verificamos que, no Paraná, as duas formas concorrentes permanecem estáveis. As variantes *dente de leite* e *queiro* que, juntas, somavam 10% do total das ocorrências, no cenário atual estão ausentes, conforme ilustra o Quadro 9.

Quadro 9: Nomes mais produtivos para os terceiros dentes molares no ALiB-PR

Variantes	Interior		Capital	
	ocorrências	%	ocorrências	%
Siso	30	56%	3	60%
Juízo	21	40%	2	40%
outra forma	2	4%	-	
Total	53	100%	5	100%

Fonte: Banco de dados ALiB

A *outra forma* registrada refere-se a *dente de leite*.

A análise dos dados na perspectiva diacrônica indica que, tanto nos estados nortestinos de Sergipe e da Bahia como no Paraná, ainda é muito forte a presença das formas dialetais *queiro* e *siso* e *juízo*. Em nenhum dos contextos a variante científica *terceiros molares* foi registrada e há uma queda sensível no número de variantes lexicais e fonéticas.

2.3 Nomes para os terceiros dentes molares na perspectiva diastrática

Lembramos que, ao contrário dos atlas estaduais que são ou monodimensionais (APFB) ou bidimensionais (ALSE e ALPR), o ALiB se propõe como atlas pluridimensional. Dessa forma, passamos a verificar a influência das variáveis sociais sobre a variação lexical em torno dos nomes dos *terceiros dentes molares*. Entendendo as variantes *queiro* e *queixal* como formas mais antigas ou conservadoras e *siso*, como inovadora, verificamos que, em Sergipe, do total de 18 registros, *queiro* representa 72% (13 ocorrências) do total, e *siso* e *juízo* inserem-se timidamente com 16% (3 ocorrências), principalmente na fala dos jovens de nível superior. Na Bahia, de 30 registros, *queiro* representa 76% (23 ocorrências) e *queixal* 10% (3 ocorrências). A variante *siso* ocorre apenas na fala do homem jovem de nível superior, morador da capital, e o maior número de abstenções verificamos entre os homens jovens de baixa escolaridade.

2.4 Os nomes para os terceiros dentes molares na perspectiva da lexicalização

Tanto a variante comum à Bahia, Sergipe e Paraná – *queiro* – como as paranaenses – *siso* e *juízo* – estão dicionarizadas com esta acepção. Excetuam-se as formas *dente-de-leite*, *colmilho* e *queixal* que, embora pertençam ao mesmo campo semântico, estão lexicalizadas, respectivamente, como *primeiros dentes*, *canino* e *molar*.

3 Análise e discussão dos dados referentes a *patela* sob as perspectivas diatópica, diacrônica, diastrática e lexicológica

3.1 Nomes mais produtivos para *patela* nas cartas dos atlas estaduais – perspectiva diatópica

As respostas à questão *Como se chama o osso redondo que fica na frente do joelho?* também apresenta um interessante polimorfismo em ambos os *corpora*: o sincrônico (ALiB) e o diacrônico (atlas estaduais). No APFB, registram-se onze variantes, conforme ilustramos no Quadro 10 e comentários. O ALSE, por sua vez, traz variantes comuns às cartografadas no APFB: *bolacha*, *bola/bolinha*, *carapuça*, *patinho*, *rótula*, *cotovelo*, *pratinho*, além de *catoca*.

Quadro 10: Nomes mais produtivos para *patela* no APFB e no ALSE – cartas 62 e 63

Variantes/atlas	APFB		ALSE	
	ocorrências	%	ocorrências	%
Bolacha/inha	53	54%	18	56%
Patinho	11	11%	1	3%
Rodela	10	10%	-	-
Pataca	8	8%	-	-
Rótula	8	8%	2	6%
Cabeça	4	4%	2	6%
Bola/inha	-	-	4	13%
Carapuça/inha	-	-	2	6%
Outras formas	5	5%	3	10%
Total	99	100%	32	100%

Fonte: Carta 55 do APFB (ROSSI, 1963)

Em *outras formas*, registramos no APFB, como *hápax legómenon*, *roleta*, *pratinho*, *carapuça*, *bolinha* e *cotovelo*; no ALSE, como ocorrências únicas, *catoca*, *cotovelo*, *patinho* e *pratinho*. Dentre essas variantes, com a mesma acepção, estão dicionarizadas em Ferreira (2004) *rótula* e *rodela*, esta última como forma popular. As demais são criações metafóricas inspiradas no formato redondo do osso, como: *bolacha/inha*, *pataca*, *roleta*, *pratinho* e *bola/inha*; outras são criadas a partir do sema cobertura, como *carapuça/inha*; ou parte superior, como *cabeça*, ou articulação, como *cotovelo*.

Da mesma forma, o ALPR também traz mais de uma dezena de variantes para recobrir o conceito *osso redondo do joelho*, conforme demonstram os dados do Quadro 11 e comentários abaixo.

Quadro 11: Nomes mais produtivos para *patela* no ALPR – carta 66

Variantes	Ocorrências	%
Pataca	56	45%
Patacão	37	30%
Tramela	9	8%
Bolacha	7	5%
Batata	5	4%
Rótula	4	3%
outras formas	7	5%
Total	125	100%

Fonte: Carta 66 do ALPR (AGUILERA, 1994)

Como *outras formas*, ocorreram como *hápx legómenon*: *roda, rodela, osso, bacia, carretel, capa e vintém*.

Do ponto de vista das diferenças diatópicas, a variante mais produtiva *bolacha/bolachinha* representa a forma regional nordestina (baiana e sergipana). No ALPR, duas variantes morfofonêmicas têm uma distribuição diatópica regular: *pataca*, que ocupa uma zona de isoléxica na região norte denominada Paraná Moderno, enquanto *patação* se distribui pelo sul, na região denominada Paraná Tradicional. A variante dicionarizada na acepção de osso do joelho, *rótula*, representa apenas 3% do *corpus* e a forma majoritária nordestina, *bolacha*, somente 5%.

3.2 Nomes mais produtivos para *patela* nos dados do ALiB – perspectiva diacrônica

Quadro 12: Nomes para *patela* no ALiB-SE (Capital e interior - Estância e Propriá)

Variantes	Interior		Capital	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Rótula	4	57%	5	49%
Bolacha	1	14%	5	49%
outras formas	2	29%	1	2%
Total	7	100%	11	100%

Fonte: Banco de dados ALiB

As *outras formas* ocorreram como *hápx legómenon*: *osso* (interior) e *patela e batata* (capital).

Quadro 13: Nomes mais produtivos para *patela* no ALiB-BA (Capital e interior – 6 localidades)

Variantes	Interior		Capital	
	ocorrências	%	Ocorrências	%
Rótula	10	50%	5	63%
Bolacha	7	35%	1	13%
outras formas	3	15%	2	24%
Total	20	100%	8	100%

Fonte: Banco de dados ALiB

Em *outras formas*, ocorrem, como *hápx legómenon*, no interior: *rodela, batata e bola*; e na capital: *patela e joelho*.

Em ambos os estados, a forma dicionarizada *rótula*, que há 45 anos estava em quarto lugar na fala nordestina (baiana e sergipana), com ocorrências abaixo de 10%, agora está presente em mais de 50% do *corpus*. A forma mais produtiva na década de 60, *bolacha*, embora perdendo espaço, ainda concorre com *rótula* tanto no interior como na capital.

Quadro 14: Nomes mais produtivos, para *patela* no ALiB-PR

Variantes	Interior		Capital	
	ocorrências	%	Ocorrências	%
Rótula	12	24%	4	56%
Patacão	11	22%	1	11%
Joelho	12	24%	-	-
Pataca	10	20%	-	-
Patela	-	-	2	22%
Tampa	1		1	11%
outras formas	4	10%	-	-
Total	50	100%	8	100%

Fonte: Banco de dados ALiB

Em *outras formas*, ocorrem, como *hápax legómenon*, no interior: *roldana*, *tramela*, *bo-linha* e *bolacha*.

No interior do Paraná, quatro variantes estão em luta: a forma dicionarizada, *rótula*; as respectivas variantes regionais do sul e do norte paranaenses, *patacão* e *pataca*; e a forma genérica *joelho*. Na capital, porém, predomina *rótula*, e se insere gradativamente o termo científico *patela*.

3.3 Variação lexical para *patela* e as variáveis sociais

Os dados referentes às variantes de *patela* coletados em Sergipe e Salvador, para o ALiB e submetidos às variáveis sociais, apontam para o seguinte quadro: (i) a variante dicionarizada *rótula* ocorre em igual proporção entre homens e mulheres, mas é mais recorrente entre os idosos e na fala dos informantes de nível superior. (ii) a variante mais conservadora *bolacha* não seleciona nenhuma das variáveis aplicadas, em Sergipe, ocorrendo com produtividade semelhante entre homens, mulheres, jovens e idosos. Na Bahia, porém, é mais produtiva na fala masculina e entre os jovens. Quando opomos o interior *versus* capital, a forma dicionarizada *rótula* é mais recorrente nas capitais.

Quanto aos registros do ALiB-Paraná, considerando-se a concorrência de quatro variantes: *rótula*, *patacão*, *pataca* e *joelho*, verificamos que não há uniformidade na atuação das variáveis sobre cada variante em particular, pois *rótula* e *patacão* são mais frequentes entre os homens e os idosos. *Pataca* é mais recorrente entre as mulheres e os idosos; e a variante *joelho* foi citada sobretudo pelas mulheres e pelos jovens. *Patela*, como termo específico da Anatomia, está despontando timidamente nas capitais. É importante observar que um número maior de informantes, cerca de 20%, nos três estados, declarou não atribuir ou não conhecer um nome específico para este osso.

3.4 Variação lexical para *patela* e a lexicalização

Como vimos, a ‘Questão para o osso do joelho’ suscitou uma grande variedade de formas, mas apenas *rótula*, *patela* e *rodela* estão lexicalizadas em Ferreira (2004). Esta última com a indicação de forma popular. As demais estão dicionarizadas com outras acepções, mas recobrando conceitos que guardam alguns semas comuns, como a forma (redonda) em *pataca* e *patacão* (moeda antiga maior que as outras), *vintém*, *bolacha*, *bola*,

pratinho, roda, batata, tampa, cabeça, carapuça; a função do osso (articulação ou cobertura), em *cotovelo, carretel, roldana, cabeça, carapuça, tramela*.

Conclusões

Ao fazermos o cotejo das variantes lexicais de três conceitos referentes ao campo semântico do corpo humano: *secreção ressequida do nariz, terceiros dentes molares e osso do joelho*, sob os pontos de vista diatópico, diastrático, diacrônico e lexicológico, os dados apontaram para as seguintes tendências:

- (i) Do ponto de vista diatópico, com base na divisão dialetal do Brasil proposta por Nascentes (1953, p. 18), é nítida a oposição entre o subfalar baiano x subfalar sulista (paranaense), uma vez que tanto nos atlas regionais APFB, ALSE, ALSE II, ALPR e ALPR II e nos dados do ALiB-BA, ALiB-SE e ALiB-PR as variantes lexicais apresentam uma distribuição singular. No caso dos atlas regionais, verificamos a predominância de: *cacaraca, cataraca; dente queiro; bolacha, patinho e bola* no subfalar baiano e *tatu, cera; siso e juízo; pataca e patacão* no subfalar sulista (paranaense). Quanto aos dados do ALiB, verificamos: *meleca, catarata, catarro; queiro; rótula, bolacha* no subfalar baiano e *tatu, ranho e meleca; siso, juízo; rótula, pataca, patacão, joelho*, no sulista.
- (ii) Do ponto de vista diacrônico, analisando-se os dados da década de 60 com os atuais, há indícios de mudanças mais sensíveis no subfalar baiano, tendo em vista que formas regionais, rurais e não dicionarizadas se enfraquecem em favor de formas mais urbanas e lexicalizadas, como *meleca* e *rótula*.
- (iii) Quanto às variáveis diastráticas, a origem do informante, isto é, ser da capital ou do interior, e a escolaridade são as que parecem exercer uma influência maior na variação e na mudança do uso do léxico. A faixa etária vem na sequência.
- (iv) Considerando-se a lexicalização, verifica-se um número muito baixo de lexias dicionarizadas na aceção buscada: *meleca, catota, cacaraca, craca; queiro, siso e juízo; rótula, patela e rodela*.
- (v) Os dados também apontam para o incremento na inclusão de formas padrão, dicionarizadas, na fala tanto do norte como do sul.
- (vi) Indícios de que a Língua Portuguesa falada no Brasil está cada vez mais se urbanizando, ou seja, se distanciando da linguagem rural.

Este estudo corrobora, pois, as palavras de Lenz, citadas por Nascentes (1953, p.18):

Estas variaciones non serán em todas las comarcas unas mismas, sino las unas se producirán aquí, las otras allá, í, en jeneral, la diferencia de lenguaje entre dos lugares será tanto más grande cuanto mayor la distancia jeográfica [...]

Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade (1994). *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado.
- ALTINO, Fabiane Cristina (2007). *Atlas linguístico do Paraná II*. 2 v. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Londrina.
- ARAGÃO, Maria do Socorro; MENEZES, Cleuza Bezerra de (1984). *Atlas linguístico da Paraíba*. 2 v. João Pessoa/Brasília: UFPB/CNPq.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (2005). *Atlas linguístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (2001). *Atlas linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. UEL.
- CRUZ, Maria Luiza (2004). *Atlas linguístico do Amazonas*. 2 v. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2004). *Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa*. 3 ed. ver. e atual. Curitiba: Positivo.
- FERREIRA, Carlota et al. (1987). *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA/FUNDESC.
- NASCENTES, Antenor (1953). *O linguajar carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões.
- KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Wilson (2002). *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul*. 2 v. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed.UFRGS/ Ed.UFSC/ Ed.UFPR.
- RAZKY, Abdelhak (2004). *Atlas linguístico sonoro do Pará*. (ALISPA). Belém: CAPES/UFPA/ UTM.
- RIBEIRO, José et al. (1977). *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Casa de Rui Barbosa/Universidade Federal de Juiz de Fora.
- ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos* (1963). Rio de Janeiro: MEC/INL.

